

As literaturas da Europa Oriental e Central sempre foram relativamente pouco difundidas no Brasil.

Sem dúvida, o romance de expressão russa e alemã é amplamente traduzido e lido em nosso idioma, mas o mesmo não se dá com a literatura de ficção de outros idiomas da região, como o húngaro, o tcheco e o romeno. E quando se trata de poesia, a escassez de traduções é ainda mais evidente. Dos poetas modernos de língua alemã, apenas Rilke conta com um número expressivo de versões para o português do Brasil, mas boa parte de sua obra ainda não foi traduzida, como já observa um dos artigos deste número de *Tradução em Revista*. Quanto à poesia russa, cuja riqueza é extraordinária, uma das iniciativas mais importantes até hoje foi a famosa antologia *Poesia russa moderna*, editada nos anos sessenta por Boris Schnaiderman e os irmãos Campos e atualizada mais de uma vez por seus organizadores. Muita coisa, no entanto, ainda falta traduzir; e a poesia escrita nos outros idiomas da região é ainda muito pouco explorada no Brasil.

Nossa intenção, pois, é dar uma pequena contribuição no sentido de preencher essa lacuna.

Juntando reflexões teóricas motivadas pela produção original nesses idiomas, considerações a respeito da relevância dessa produção e de sua divulgação em terras brasileiras e, também, novas traduções e análises de traduções para o português, este número de *Tradução em Revista* se apresenta como uma nova tentativa de não apenas reacender o debate em torno dessas questões mas, na verdade, de demonstrar que ele continua acontecendo e gerando frutos relevantes. Tanto no trabalho isolado de pesquisadores dedicados a essas línguas e a essas culturas quanto na produção mais articulada de grupos como os que se reuniram em torno da revista *Aproximações* na Universidade de Brasília, na Universidade de São Paulo ou, mais recentemente, com a abertura da habilitação em Letras Polonesas na Universidade Federal do Paraná, a literatura das línguas eslavas, fino-úgricas, germânicas e românicas daquele canto da Europa segue criando interesse e alimentando a criação acadêmica e a artística.

Nesse sentido é que a revista se abre com a entrevista que João Vianney Cavalcanti Nuto realizou com Henryk Siewierski, a respeito de suas décadas de trabalho como tradutor, autor e editor, que resultaram em um imenso *corpus* criativo e reflexivo que representa um marco definitivo na história da recepção das poesias da Europa Central e de Leste no Brasil. Ainda representando essas aproximações literárias e biográficas — esses contatos pessoais e textuais entre o mundo brasileiro e a eslavística — o texto de Elitza Bachvarova fornece não apenas uma bela introdução à história da poesia em língua búlgara mas, também, um comentário sobre a histórica ligação entre aquela literatura, a própria ideia de nacionalidade entre os búlgaros e a introdução do alfabeto cirílico no mundo eslavo: definitivamente uma das maiores obras de *tradução* da tradição ocidental.

Guilherme Gontijo Flores e Mauricio Mendonça Cardozo abrem uma seção de germanística da revista com uma breve análise do histórico de tradução de Rainer Maria Rilke para o português brasileiro, que serve na verdade como introdução às traduções originais de 20 poemas inéditos no Brasil, que fazem parte de um projeto tradutório ainda mais ambicioso da dupla de pesquisadores. Ainda sobre Rilke, Marcelo

Rondinelli contribui com uma detida análise de uma tradução do soneto “Archaïscher Torso Apolos”, realizada pelo poeta e crítico piauiense Mário Faustino, que é aqui contrastada com outras traduções do poema no Brasil, com base em detalhado exame das características semântico-formais do original. O texto de Caetano Waldrigues Galindo, por sua vez, parte de outro nome central do cânone lírico germânico, Heinrich Heine, para, a partir de considerações sobre uma tradução do poema e de uma *adaptação* (feita por Robert Schumann para seu ciclo de canções *Dichterliebe*), refletir sobre o estatuto da noção de *tradução*.

A polonística aparece representada por leituras detalhadas de duas obras de autores relevantes.

Regina Przybycien se detém sobre as características estilísticas da poeta Wisława Szymborska, prêmio Nobel de literatura em 1996, oferecendo ainda uma tradução do poema “Z nieodbytej wyprawy w Himalaje”. Já Marcelo Paiva de Souza oferece uma análise detida das ressonâncias estilísticas intertextuais na produção de um poeta polonês menos divulgado entre nós, Zbigniew Herbert, destacando as articulações entre textos, tradições e culturas como elementos que devem ser considerados numa operação de tradução.

Aurora Fornoni Bernardini encerra este volume com um pequeno panorama de sua produção como tradutora de poesia russa, que se articula também como uma ilustração itemizada das características que fazem da lírica na Rússia um modo e um modelo privilegiados de leitura de mundo, tanto na tradição do alto romantismo, digamos, quanto nos tempos atuais.

A você, que nos lê, fica a oportunidade do contato com esses textos e com essa tradição ainda menos conhecida entre nós do que seus méritos poderiam fazer supor. A nós, a satisfação de ter conseguido reunir aqui esses pesquisadores e de apresentar esses resultados, juntamente com a esperança de que eles venham a contribuir para o surgimento de uma produção ainda mais ampla.

*Os organizadores*